



Revista Brasileira de História das Religiões

ISSN
1983-2850

SÃO LUÍS-MA | VOLUME 18 | NÚMERO 54 | SETEMBRO-DEZEMBRO 2025

CHAMADA TEMÁTICA - As experiências do catolicismo no continente americano no longo século XIX e a modernidade na Igreja Católica

 <https://doi.org/10.18764/1983-2850v18n54e27727>

Ultramontanismo e nacionalismo franco-canadense: uma análise a partir do jornal Le Courrier du Canada (1857-1858)

Ana Rosa Cloclet da Silva

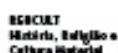
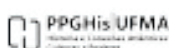
Docente da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-Campinas.

 <http://lattes.cnpq.br/6648577383927409>

 <https://orcid.org/0000-0001-7612-1130>

 anacloclet@gmail.com

RECEBIDO | 2 out. 2025 – APROVADO | 5 dez. 2025



Resumo: O artigo busca contribuir com as abordagens historiográficas que vem redimensionando a compreensão do ultramontanismo para o contexto americano. Para tanto, aborda o caso do Canadá francês, região do continente pouco abordado pelas reflexões historiográficas no Brasil e em outros países latino-americanos, sobretudo no que se refere aos estudos sobre o catolicismo oitocentista. Inserido em um contexto global em que a Santa Sé formulava e difundia sua resposta intransigente aos avanços da secularização, o ultramontanismo floresceu nesta parte dos domínios britânicos da América do Norte durante a segunda metade do século XIX, orientando a atuação de clérigos e leigos através da imprensa católica, que serviu de plataforma para a batalha discursiva contra os supostos inimigos da Igreja. Na província de Quebec, esta luta refletiu combinações originais entre as referências europeias do ultramontanismo e um nacionalismo francófono e católico, conforme se pretende analisar a partir do jornal *Le Courier du Canada*. Publicado pela arquidiocese de Quebec, entre 1857 e 1901, este periódico revelou sua veia mais combativa e ultramontana sob a direção de Joseph-Charles Taché, editor-chefe do jornal entre 1857 e 1858, período privilegiado por esta análise. Com vistas a salientar os vínculos entre ultramontanismo e as condições para a edificação de uma nação franco-canadense nesta parte do continente americano, a perspectiva metodológica se pauta nos “jogos de escala” de observação, profícua para continuarmos a reflexão sobre a condição ao mesmo tempo global e específica do catolicismo ultramontano.

Palavras-chave: ultramontanismo; imprensa católica; Canadá francês; Diocese de Quebec; *Le Courier du Canada*.

Ultramontanism and French-Canadian nationalism: an analysis based on the newspaper *Le Courier du Canada* (1857–1858)

Abstract: This article aims to contribute to historiographical approaches that are reshaping understanding of Ultramontanism in the American context. To this end, it examines the case of French Canada, a region that has received little attention in Brazilian and other Latin American historiographical reflections, particularly in studies of nineteenth-century Catholicism. In a global context in which the Holy See formulated and disseminated an uncompromising response to secularisation, Ultramontanism flourished in this part of the British North American colonies during the second half of the nineteenth century, influencing the actions of clergy and laity alike through the Catholic press, which provided a platform for discourse against the Church's perceived opponents. In the province of Quebec, this struggle manifested as a combination of European ultramontane references and Francophone Catholic nationalism, as analysed through the newspaper *Le Courier du Canada*. Published by the Archdiocese of Quebec between 1857 and 1901, the periodical displayed its most combative and ultramontane tendencies under the editorship of Joseph-Charles Taché between 1857 and 1858 – a particularly relevant period for this analysis. To highlight the links between Ultramontanism and the development of a French-Canadian nation in this part of the Americas, the analysis uses the ‘scale games’ methodological approach, which is useful for reflecting on the simultaneous global and specific aspects of Ultramontanism.

Keywords: Ultramontanism. Catholic press. French Canada. Diocese of Quebec. *Le Courier du Canada*.

Ultramontanisme et nationalisme franco-canadien: étude à partir du journal *Le Courier du Canada* (1857–1858)

Résumé: L'article cherche à contribuer aux approches historiographiques qui redimensionnent la compréhension de l'ultramontanisme pour le contexte américain. À cette fin, il aborde le cas du Canada français, région du continent peu abordée par les réflexions historiographiques au Brésil et dans d'autres pays latino-américains, surtout en ce qui concerne les études sur le catholicisme du XIXe siècle. Inséré dans un contexte mondial où le Saint-Siège formulait et diffusait sa réponse intransigente aux avancées de la sécularisation, l'ultramontanisme a fleuri dans cette partie des domaines britanniques de l'Amérique du Nord durant la seconde moitié du XIXe siècle, orientant l'action des clercs et des laïcs à travers la presse catholique, qui servit de plateforme pour la bataille discursive contre les supposés ennemis de l'Église. Dans la province de Québec, cette lutte a reflété des combinaisons originales entre les références européennes de l'ultramontanisme et un nationalisme francophone et catholique, comme on entend l'analyser à partir du journal *Le Courier du Canada*. Publié par l'archidiocèse de Québec entre 1857 et 1901, ce périodique révéla sa veine la plus combative et ultramontaine sous la direction de Joseph-Charles Taché, rédacteur en chef du journal entre 1857 et 1858, période privilégiée par cette analyse. Afin de mettre en évidence les liens entre

l'ultramontanisme et les conditions de l'édification d'une nation franco-canadienne dans cette partie du continent américain, la perspective méthodologique s'appuie sur les "jeux d'échelle" de l'observation, féconds pour pour suivre la réflexion sur la condition à la fois globale et spécifique du catholicisme ultramontain.

Mots-clés: ultramontanisme; presse catholique; Canada français; Diocèse de Québec; Le Courrier du Canada.

Introdução¹

O estudo da Igreja Católica no período contemporâneo, bem como das várias manifestações do catolicismo nas sociedades seculares, envolve um debate conceitual que, nas últimas décadas, tem buscado dar conta da complexa relação entre religião e modernidade. Conceitos como os de “intransigência católica”, “ultramontanismo”, “romanização”, disputam prioridade quando se trata de interpretar as respostas da Igreja aos desafios desencadeados – ou no mínimo acentuados – pela Revolução Francesa (1789).²

Este evento de inegáveis proporções acelerou consideravelmente o processo de secularização em curso, acarretando impactos profundos às religiões. No âmbito institucional, a Igreja católica enfrentou a perda de seu poder temporal e de seu papel na nova configuração dos espaços públicos na Europa ocidental, além de atestar o enfraquecimento de sua capacidade normativa e formadora das consciências.

Alguns católicos aceitaram essa nova situação e tentaram lidar com ela³. Outros, entretanto, recusaram-na, defendendo uma “tradição de fidelidade incondicional à Igreja, sua independência em relação ao poder secular, bem como reivindicando à religião o direito de regular a conduta privada e pública. Segundo Rémond (2001, p. 107): “Essa concepção encontrou, no século XIX, uma expressão sistemática na intransigência católica e pode ter um dinamismo incomparável no ultramontanismo”.

Embora a palavra “ultramontanismo” remonte a períodos anteriores, seus usos no oitocentos designam “uma série de atitudes da Igreja Católica, num movimento de reação a algumas correntes teológicas e eclesiais, ao regalismo dos Estados católicos, às novas tendências políticas desenvolvidas após a Revolução Francesa e à secularização da sociedade moderna”.⁴

¹ O presente artigo é resultado parcial de pesquisa realizada com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº. 2024/22992-0.

² Sobre os usos destes conceitos e sua pertinência à luz das circunstâncias históricas que lhe emprestam materialidade, ver as contribuições reunidas em: Silva; Roy-Lysencourt; Caldeira, 2024.

³ Emergiu desta postura um catolicismo liberal, cujos representantes passaram a ver na secularização “uma oportunidade para a Igreja construir um novo tipo de posição dentro da sociedade, mais respeitadora da distinção entre o temporal e o espiritual, bem como da liberdade dos indivíduos”. (Mercier, 2013, p. 354). Esta e todas as demais citações extraídas de obras em idiomas estrangeiros foram traduzidas pela própria autora.

⁴ Santirocchi, 2010, p. 24. Segundo Santirocchi, “a palavra ultramontano deriva do latim, ultramontes, que significa “para além dos montes”, isto é, dos Alpes.” Sua origem, deriva da linguagem eclesial medieval que denominava todos os Papas não italianos. No século XVIII, o conceito passou a ser usado para “identificar os defensores da Igreja em qualquer conflito entre os poderes temporais e espirituais” e, no XIX, assumiu um uso mais generalizado, referindo-se àqueles que se colocavam em defesa do modelo curialista, no que toca às relações entre Igreja e Estado, e da infalibilidade do Sumo Pontífice em assuntos eclesiais.

Tal orientação, direcionada para todo o mundo católico da época, foi concebida a partir do que o historiador Paolo Prodi denomina de “paradigma tridentino”: uma espécie de projeto de longa duração, por meio do qual o magistério procurou estabelecer e fortalecer uma soberania paralela e universal, através de um corpo eclesiástico supranacional e supraestatal, em concorrência com outros projetos de modernidade em voga. Este paradigma encontrou seu apogeu durante o pontificado de Pio IX (1848-1878), orientando dois documentos por ele publicados em dezembro de 1864: a Encíclica *Quanta Cura* e seu anexo, o *Syllabus errorum*, que listava oitenta supostos “erros” da modernidade, incluindo: o racionalismo, o protestantismo, a maçonaria e todas as formas de liberalismo. (Silva; Costa, 2021)

Estes documentos marcaram a resposta intransigente da Cúria Romana às transformações em curso. Ou seja: “a partir do patrimônio legado pelos séculos anteriores” a resposta intransigente da Igreja romana visava “barrar a modernidade conquistadora” (Mercier, 2013, p. 354). E de fazê-lo no duplo sentido assumido pela secularização: o canônico-jurídico⁵ – mediante o qual a Igreja católica continuou resistindo à perda de seu poder temporal, iniciada no século XVI e acelerada no contexto da unificação dos reinos italianos (1861-1870) – e o histórico-filosófico⁶, visando conter a aceleração do tempo histórico, por meio da reivindicação de uma tradição ancorada no “paradigma tridentino”.

Contudo, se esta foi a orientação oficial da Santa Sé, sua repercussão não se deu de maneira uniforme. Para o próprio caso francês – onde o conceito de “intransigência católica” se revela tributário das formulações de Émile Poulat⁷ – os refinamentos teóricos têm sido buscados à luz da variabilidade que implica o processo de secularização, o qual rejeita os usos normativos e prescritivos que tal categoria tradicionalmente recebeu⁸. É neste sentido, por exemplo, que Sylvain Milbach (2014, p. 341) considera o catolicismo intransigente e liberal como constituindo duas respostas a um processo “multiforme e complexo, uma vez que toca as instituições, os saberes ou os comportamentos segundo temporalidades variadas”. O autor chama a atenção para o fato de que, apesar de não ser um debate “especificamente francês”, a intransigência católica assume uma “especificidade francesa”, que lhe empresta singularidade “num país marcado, no

⁵ Quanto ao sentido eclesiástico-jurídico, o conceito de secularização foi usado primeiramente em francês, ainda no século XVI, para designar, a transferência de um clérigo regular para o *status* secular. Fora dos muros da Igreja, comportou uma conotação político-jurídica desde a Paz de Westfália (1648), referindo-se ao processo jurídico de expropriação de posses e confisco de bens eclesiásticos pelos Estados modernos. Sobre este sentido histórico do termo, diversos autores concordam que não há como tergiversar, sendo esta a acepção originalmente presente na obra de Max Weber (Pierucci, 1998).

⁶ Segundo Koselleck, desde a Revolução Francesa, todos os esquemas interpretativos do mundo passaram a ser submetidos ao imperativo da “temporalização”. Categoria que traduz a mudança subjetiva na percepção do tempo, característica da modernidade: um tempo acelerado, ditado por processos inerentes ao mundo – em nível político, tecnológico, demográfico – que se autonomizou em relação às expectativas escatológicas cristãs. Desde então, as soluções para os problemas e desafios do tempo histórico passaram a ser buscadas “dentro do próprio tempo histórico” (Koselleck, 2014, pp. 182-183).

⁷ O autor argumenta que toda a história do catolicismo, desde a Revolução Francesa, se resume à oposição entre essas duas tendências centrais: uma que defende os direitos da Igreja e outra que ele denomina de “intransigente”, por reclamar o direito à conciliação e à adaptação, levando à constituição de “ideologias de adaptação, de assimilação, de integração e as contra ideologias de recusa” (Poulat, 1977, p. 91).

⁸ A crítica ao paradigma clássico da secularização demonstram a secularização não implicou o desaparecimento da religião ou seu recuo para o âmbito privado, mas envolveu a próprias religiões, ao mesmo tempo que impôs a elas permanentes reconfigurações (Casanova, 2006; Moniz, 2023; Mariano; Montero, 2009; Di Stefano, 2018; Silva, 2021).

início do período, pela Revolução e, no final deste período, pela afirmação do secularismo”. Além disso, não se pode desconsiderar que entre tais “sensibilidades” houve trocas e, dentro de cada uma delas, “solidariedade, comércio e, sobretudo, nuance”. (Milbach, 2014, p. 342)

Portanto, como a própria secularização, a reação a ela foi um processo complexo⁹, não linear, que dependeu “da evolução das relações de poder entre tendências atuais e tradições”, as quais “não pararam de variar segundo as épocas, de um país a outro, e em função dos embates”. (Rémond, 2001, p. 107-108)

A ampla variedade do fenômeno em causa demanda e justifica investimentos teóricos e empíricos, capazes de trazer à tona suas facetas diferenciadas, seus ritmos assíncronicos, bem como as conexões entre as várias partes do mundo católico oitocentista, que nos permitem pensar o ultramontanismo como um processo global. Para o caso latino-americano, o debate tem avançado nas últimas décadas, ajudando a compreender as configurações específicas do fenômeno nesta parte do continente.

Esse interesse se justifica pelo fato de que, tradicionalmente, a excessiva identificação do ultramontanismo com o antiliberalismo e o legitimismo europeus levou os historiadores no Brasil e em outros países da América Latina a preferirem empregar o termo “romanização”, identificado a “um processo externo que debilitou a igreja latino-americana; uma mentalidade estrangeira que limitou sua capacidade de reação às mudanças sociais em escala local” (Ramón Solans, 2020, p. 23-25). No caso do Brasil, o conceito de “catolicismo romanizado” – usado para se referir à suposta “romanização” da Igreja católica no país –, designou tradicionalmente a postura do clero mais afinada ao intransigentismo da Santa Sé, referindo-se ao discurso antimoderno dos ultramontanos, tomados como fiéis executores das diretrizes romanas (Santirocchi, 2024).

Contrariando esta visão, contribuições recentes revelam o quanto a Igreja católica no Brasil e em outros países da América Latina esteve longe de ser um “mero receptor passivo das correntes europeias” (Ramón, 2020, p. 25), cuja difusão teria obedecido a uma suposta relação de sentido único de Roma para as diversas partes do mundo católico da época¹⁰. Dessa forma, por variar segundo o contexto particular em que se desenvolveu, o ultramontanismo comportou tanto uma vertente intransigente, quanto aquela que contemporizava com tendências modernas condenadas por Roma. Contudo, observa Ramón Solans (2020, p. 24): o “fato de que as tendências ultramontanas intransigentes de corte legitimista terem sido hegemônicas na Europa continental do século XIX, distorceu a percepção que temos deste movimento” em outras partes do mundo católico.

As abordagens críticas a esta visão têm se beneficiado amplamente das modalidades historiográficas que valorizam os procedimentos de “comparação, cruzamentos, interconexão e superação do nacionalismo metodológico”, bem como do “padrão eurocêntrico de observação”, no estudo do catolicismo, objeto cuja natureza é transnacional (Barros, 2019, p. 3-4). Segundo Martínez e Santirocchi (2020, p. 2), o principal mérito desse “gesto metodológico [...] não é reconhecer a condição global da Igreja e do catolicismo, mas tornar as formas concretas em que

⁹ O termo “reação” comporta múltiplos significados. No sentido aqui empregado, não se pretende conotar uma ação meramente reativa da Igreja católica aos avanços da secularização nem, tampouco, justificá-la. Há um projeto de modernidade de mais longa duração, que remonta ao medievo e que traduz a dimensão propositiva dos ultramontanos, nos termos formulados por Paolo Prodi (2010) Para as transformações semânticas do conceito de “reação”, ver: Starobinski, 2001.

¹⁰ Para o caso latino-americano, vale destacar as contribuições de Santirocchi, 2015; 2022; Silva, *et al*, 2020; Silva, 2023; Martínez, 2014; Ayala, 2018.

essa condição se expressa parte do objeto de estudo”. Assim, torna-se possível situar o lugar particular de sua manifestação – a “unidade de análise” concreta (Conrad, 2019) – relacionando-a a uma variedade de “escalas de observação” (Rével, 1998), que vão do local ao global, do pontifício ao paroquial, e vice-versa.

À luz deste enquadramento teórico, o presente artigo pretende contribuir com o investimento historiográfico que vem redimensionando a compreensão do ultramontanismo para o contexto americano. Para tanto, aborda o caso do Canadá francês, região do continente que tem se mantido praticamente ausente do contexto historiográfico latino-americano e, especificamente, brasileiro. Sobretudo, no que se refere aos estudos sobre o catolicismo oitocentista.¹¹

A exemplo de outros quadrantes da América Latina, o ultramontanismo floresceu nesta parte dos domínios britânicos da América do Norte durante a segunda metade do século XIX, orientando a atuação de clérigos e leigos através de diversas estratégias para adaptar as diretrizes intransigentes da Santa Sé à sociedade local. Uma destas estratégias constituiu os usos da imprensa católica, que serviu de plataforma para uma verdadeira batalha discursiva contra os supostos “inimigos da Igreja”. Através deste veículo, os ultramontanos de diferentes países integraram-se a uma complexa “teia de circulação, recepção e retransmissão de conteúdos que ultrapassavam o espaço impresso” (Morel; Barros, 2003, p. 103), bem como as fronteiras nacionais (Silva, 2020; 2021). Razão pela qual é possível considerar os jornais católicos como fontes privilegiadas para apreender as soluções originais que os círculos ultramontanos de diferentes contextos apresentaram aos desafios globais enfrentados pelo catolicismo, diante dos avanços da secularização.

Para o caso analisado, o artigo privilegia a análise do jornal *Le Courrier du Canada*, publicado entre 1857 e 1901 sob os auspícios da arquidiocese de Quebec. Tendo como editor-chefe Joseph-Charles Taché (1820-1894), este jornal assumiu uma orientação ultramontana em questões religiosas e conservadora em termos políticos, indissociável de um nacionalismo francófono que, no caso do Canadá francês, antecedeu a própria existência de um Estado-nação.

Na sequência, apresentaremos alguns elementos históricos e contextuais deste quadrante do continente americano, que configuram a materialidade do discurso veiculado pelo *Courrier du Canada* nos anos de 1857 e 1858, quando assumiu sua tonalidade mais combativa e ultramontana. Embora não possa ser generalizado para o conjunto dos periódicos católicos quebequenses¹², esta folha revela facetas originais do projeto de modernidade católico – como pretendemos analisar em um segundo momento –, bem como dos vínculos entre Igreja e Estado, fundamentais para continuarmos a reflexão sobre o ultramontanismo em perspectiva global.

A diocese de Quebec no contexto da ascensão ultramontana

No caso canadense, o ultramontanismo esteve mais concentrado na atual província de Quebec, que até o ano de 1840 integrava a parte francófona e predominantemente católica dos

¹¹ Sem contar o tratamento desproporcional que a vertente ultramontana do catolicismo oitocentista recebeu em cada um destes países. Enquanto a historiografia brasileira dedicou maior ênfase aos estudos do ultramontanismo, proporcionalmente àquela conferida pelos países latinoamericanos (Di Stefano, 2019, p. 61), no caso da historiografia canadense – e, mais precisamente, quebequense – o tema do ultramontanismo praticamente se confunde com os estudos em história das religiões e da Igreja católica, tamanha a atenção recebida por este objeto de estudos por gerações de historiadores (Voisine; Hamelin, 1985).

¹² Para um balanço destas publicações, ver: Beaulieu; Hamelin, 1973.

domínios britânicos desta parte da América do Norte, designada como Baixo Canadá¹³. Este arranjo político foi profundamente abalado pelas Rebeliões de 1837 e 1838, quando os “patriotas franco-canadenses” se mobilizaram na luta pela democratização das instituições políticas e pelo direito de eleger um governo local representativo de seus interesses.¹⁴ O fracasso das rebeliões levou à proclamação do *Union Act*, em 1840, que uniu o Alto e o Baixo Canadá em uma mesma Província canadense, suscitando uma reação ao mesmo tempo francófona e católica em prol da Confederação¹⁵, finalmente aprovada em 1867 (Brito, 2007).

É neste contexto que o ultramontanismo encontra as razões propícias para sua ascensão e consolidação. Segundo François Lanier (2015, p. 19) “diferentemente das novas nações da América, a existência e a definição da nação franco-canadense [...] não surgiram na luta estritamente política contra uma metrópole da mesma cultura, mas com objetivos políticos divergentes”. Ao contrário disso, os patriotas franco-canadenses “descobriram na luta política que estavam separados não apenas da Coroa, mas também de seus compatriotas de língua inglesa em solo canadense, que não apoiavam seu projeto liberal e republicano”.

Essa consciência política dos canadenses franceses, despertada no curso das Rebeliões de 1837-1838 e amadurecida após seu fracasso em um verdadeiro “renascimento nacional”¹⁶, coincidiu com a ascensão e consolidação do ultramontanismo nesta parte do continente americano, que teria vivido sua “fase militante” entre 1840 e 1867 – quando os ultramontanos se mobilizam na luta contra liberais e protestantes –, para então “triumfar” sob o regime da Confederação (Lamonde, 2000).

Assim, a coincidência entre um “despertar religioso” e um “renascimento nacional” configuraria um dos aspectos originais da doutrina e atuação ultramontana no Canadá francês, bem como de suas redes e lutas político-religiosas.

Ao contrário do ultramontanismo monárquico francês, crítico das igrejas nacionais e resolutamente a favor de um catolicismo universalista, sua variante franco-canadense adotou uma certa ideia romântica de nação: o advento de uma “contrassociedade” inteiramente católica tornou-se um projeto de construção nacional (Lanier, 2015, p. 15).

¹³ A incorporação dos domínios franceses da América do Norte à coroa britânica configura um dos episódios da Guerra dos Sete Anos (1759-1763), conhecida no Canadá como “*La Conquête*”. Em virtude do Tratado de Paris, assinado em 1763, a *Nouvelle France* tornou-se uma possessão britânica. Apesar disso, as tentativas do parlamento inglês de impor uma política assimilacionista à nova província canadense, por meio da imposição de um governador submisso às suas ordens entra em conflito com os interesses da sociedade católica francesa do Baixo Canadá. Esta resistência é contemplada pelo *Acte de Québec*, de 1774, que alarga a superfície desta província e reinstaura os direitos civis, apaziguando as relações com o clero e as elites locais. A tal ponto que, nos anos que se seguiram à Revolução Francesa (1789-1799), muitos canadenses franceses consideraram a conquista britânica como uma intervenção divina, que teria livrado o Canadá do caos e permitido a tolerância religiosa na província.

¹⁴ As rebeliões abalaram o Alto e o Baixo Canadá, mas foi mais radical neste último.

¹⁵ A Confederação Canadense sob o governo inglês foi formalizada em 1º de julho de 1867, quando o Parlamento Britânico aprovou o *Act of British North America*, unindo as províncias de Ontário, Quebec, Nova Brunswick e Nova Escócia, como o governo federal canadense (cuja capital foi estabelecida em Ontário), sob a monarquia constitucional britânica.

¹⁶ Apesar da radicalidade, o movimento insurrecional, no contexto do Baixo Canadá, não foi movido por objetivos nacionalistas, como tradicionalmente tendeu a ser interpretado. O revisionismo crítico demonstra tratar-se de uma luta motivada sobretudo por interesses de “natureza social que se atualiza por meio de uma vontade de emancipação colonial”, inscrevendo-se assim nos movimentos revolucionários vivenciados pelas sociedades do Antigo Regime (Bernier; Salée, 2001, p. 12-13).

Esta vertente do catolicismo ocuparia um lugar estruturante no processo de aculturação e enquadramento institucional da sociedade quebequense, tornando a Igreja católica um verdadeiro “Estado de uma nação sem Estado” (Laniel, 2015, p. 21). Situação que difere daquela vivenciada pelo Brasil e por outros países latino-americanos onde, embora o Estado e a Nação fossem entidades a serem construídas após as independências (Jancsó, 2023, p. 21)¹⁷, a Igreja católica permaneceu subordinada ao poder civil sob o regime do padroado (*patronato*, no caso espanhol)¹⁸. No Brasil, esta situação enquadrou a atuação ultramontana nos dispositivos constitucionais do Estado, ao mesmo tempo em que garantiu ao catolicismo o estatuto de religião oficial, interditando, até 1890, a liberdade de culto às outras crenças.¹⁹

Diversamente, no Canadá francês, apesar da existência de “poderes institucionais e outras ideologias” em conflito durante o período de 1840-1860, a Igreja católica “serviu de cimento” na construção da sociedade política emergente, tornando-se uma verdadeira “Igreja-nação” (Warren, 2007, p. 23).²⁰ Foi nesta conjuntura que as estratégias de universalização do catolicismo emanadas de Roma se difundiram, fortalecendo a estrutura eclesiástica canadense.

De fato, se já a partir da primeira metade do século XIX a Santa Sé reforçou sua rede de comunicação com as colônias britânicas da América do Norte, sob o pontificado de Pio IX (1846-1878) esses esforços foram redobrados, visando medir o potencial das suas forças fora da Europa. Na virada de 1860, esta ação se refletiu no aumento significativo da correspondência entre a *Propaganda Fide* e as missões enviadas a esta parte do continente americano, bem como do número de dioceses, “que multiplica as relações com seus bispos” (Codgnola; Pizzorusso; Sanfilippo, 2011, p. 91-92).

Segundo Fernand Harvey (2002, p. 52), em Quebec este é o momento em que “a diocese, como estrutura administrativa regional, assume todo o seu significado para melhor supervisionar as atividades religiosas de uma população em rápido crescimento demográfico”. Emblemático neste sentido, foi a criação da Arquidiocese de Quebec, em 1844, favorecendo a multiplicação da estrutura administrativa eclesiástica, que desempenhará um papel essencial na história social e cultural da região, até meados da década de 1960²¹. Para tanto, os bispos implementaram os meios oficiais para instruir os fiéis das suas dioceses, que incluíam: pregações, visitas pastorais, cartas pastorais e cartas circulares, bem como instruções religiosas aos fiéis. (De Bonville, 1995)

¹⁷ Para um balanço historiográfico sobre o tema ver: Silva; Cid, 2022.

¹⁸ Este regime comportou singularidades nos casos luso-brasileiro e hispano-americano. Contudo, ao longo do século XIX, foi central na modelagem dos vínculos entre Igreja e Estado e do ultramontanismo nesta parte do continente (Silva, 2022; Santirocchi, 2021; Martínez, 2021; Di Stefano, 2019).

¹⁹ Esta configuração dos vínculos entre Igreja e Estado no Brasil seria causa de tensões diplomáticas entre o Estado brasileiro e a Santa Sé, ao longo de todo o século XIX, obstando mesmo a assinatura de uma concordata entre ambos (Cloclet da Silva; Santirocchi, 2024).

²⁰ Não cabe no escopo deste artigo analisar como se deu essa “construção da nação franco-canadense por meio da Igreja-nação ultramontana” Para tanto, ver: (Hardy, 1994; Voisine; Hamelin, 1985; Ferretti, 1999; Sylvain, 1971; Laniel, 2015; Warren, 2007).

²¹ Na década de 1960 ocorre a chamada “Revolução tranquila”, termo que designa o processo acelerado de secularização e laicização na província do Quebec, resultando na perda pela Igreja católica de sua tutela sobre a sociedade civil. Na interpretação de um dos poucos estudiosos do tema no Brasil, este não foi apenas um movimento externo, mas teve início dentro da própria Igreja Católica, a partir de “movimentos teológicos, de práticas pastorais, de críticas internas, que foram ao encontro dos contextos históricos de então, nos quais a autoridade religiosa já era contestada” (Rautmann, 2021).

Assim, os anos de 1848 a 1862 representaram uma etapa crucial na luta que opôs a Igreja católica aos seus inimigos, no contexto quebequense. Segundo Philippe Sylvain (1973, p. 8), foi durante este período “que os ultramontanos e os liberais definiram as suas posições e travaram uma luta total, cujas consequências se desdobraram em um ritmo apaixonado pelo resto do século”.

Em um contexto já polarizado entre liberais e intransigentes, o protestantismo foi progressivamente introduzido na catolicidade de Quebec, devido à chegada de muitos imigrantes de origem anglo-saxônica, durante o século XIX. A estes adversários, devemos acrescentar as dificuldades organizacionais que a Igreja do Quebec teve de enfrentar: fraqueza numérica do clero, divisões e rivalidades entre a hierarquia eclesiástica, além de tensões entre o episcopado local e a Cúria romana já que, como no caso do Brasil, estas relações nem sempre foram harmoniosas.

Todos estes fatores tornaram as questões políticas e religiosas inseparáveis, dotando o ultramontanismo de facetas diferenciadas no interior do próprio Canadá francês. Enquanto Montréal e Trois-Rivières consolidaram-se como os principais bastiões do ultramontanismo – respectivamente, sob os bispados de Ignace Bourget (1840-1876) e de Louis-François Laflèche (1870-1898), que participaram do Concílio Vaticano I e apoiavam a infalibilidade papal, personificando “na província a ortodoxia ultramontana com a maior arrogância” (Warren, 2014, 229) –, Quebec se destacou como um polo liberal, sobretudo a partir da nomeação de Elzéar-Alexandre Taschereau (1820-1898) para o bispado desta diocese, em 1871 e, posteriormente, como primeiro cardeal canadense, em 1886.

Taticamente, o bispo Taschereau acentuou a proximidade da Igreja local com o governo britânico, recusando qualquer aproximação com o liberalismo católico ou com o liberalismo político republicano, mas concordando em tolerar o liberalismo de estilo britânico, considerado mais moderado e não anticlerical. Essa postura gerou tensões com setores conservadores do clero, “para os quais a simples palavra liberalismo representava um verdadeiro insulto, sem necessidade de maior definição” (Warren, 2014, p. 230). Ao mesmo tempo, entre as elites de Montreal, a cidade de Quebec era vista como constituída por políticos “oportunistas”, o que pode ser atribuído à sua condição de capital provincial²². Segundo Warren:

O fato de o país abranger comunidades de língua inglesa e francesa, bem como grupos católicos e protestantes, não podia deixar a Igreja canadense indiferente, particularmente a Igreja de Quebec, que, por estar mais próxima do poder imperial, tinha maior probabilidade de lidar com círculos políticos naturalmente hostis. Portanto, parecia mais realista e estratégico defender doutrinas de concórdia e compromisso (Warren, 2014, p. 236).

Assim, se no século XIX os ultramontanos defendiam a supremacia do poder eclesiástico sobre o civil, em Quebec prevaleceu uma postura mais “legalista”, que levou a Igreja a buscar compromissos táticos com o poder secular, derivando uma relação no mínimo original entre am-

²² Segundo Warren (2014, p. 232), dentre os fatores que acentuaram o tom “legalista” das elites e da própria Igreja de Quebec, estava a forte presença anglo-saxônica nesta cidade (mais de 1/3 da sua população, em 1851), a maior dependência das classes médias e trabalhadora da cidade em relação aos ingleses; a forte presença de soldados nas ruas, a concentração do comércio e da indústria em mãos inglesas e a alta proporção de anglófonos na administração pública”. Este perfil ecoa as tendências polarizadas no contexto das Rebeliões de 1837-1838, quando os principais líderes nacionalistas da capital se recusaram a seguir a facção mais radical do Partido Patriota e pregaram a submissão aos poderes estabelecidos.

bos (Warren, 2014, p. 36). Marcando o episcopado de Taschereau (1870-1898), esta tendência foi bem recebida pela Santa Sé, que a considerava uma estratégia prudente para manter boas relações entre francófonos e anglófonos e fazer avançar o projeto de conversão na América do Norte, sem se alinhar ao nacionalismo franco-canadense.²³

Paradoxalmente, os ultramontanos mais intransigentes, “que acreditavam poder contar com o apoio inabalável da Santa Sé, encontraram-se na incômoda posição de ter que contestar as decisões do Vaticano” (Warren, 2014, p. 237). Esta tendência já se insinuava desde meados do século, quando o bispo Bourget retomou “a querela que opunha o galicanismo à Santa Sé”, personificando o intransigentismo daqueles católicos “que não queriam nenhum compromisso, nenhum acordo sobre as liberdades modernas, nenhuma tentativa de conciliação entre o liberalismo e a Igreja” (Sylvain, 1973.p. 8).

Embora em sua atividade pastoral o bispo de Montreal reforçasse a adesão às iniciativas vindas de Roma, seu ultramontanismo demonstrou-se mais alinhado ao renascimento religioso então vivenciado pela França – para onde viajou inúmeras vezes²⁴ –, do que às iniciativas de Roma, onde era considerado um homem precipitado, que fazia frequentes e incômodos pedidos de indultos e que endereçava documentos diretamente ao Papa, sem passar pelo Prefeito da *Propaganda* (Le Blanc, 2012, p. 279).

Tanto seu ultramontanismo inspirado pelo movimento francês – que levou ao extremo as teorias dos tradicionalistas Louis De Bonald, Joseph de Maistre e Félicité Robert de La Mennais –, quanto seu autoritarismo e seu antiliberalismo incondicional, renderam-lhe a reputação de “*ultramonté*”, por vezes mais ultramontano que o próprio papa. As pressões, frustrações e inimizades nutridas conduziram-no ao pedido de renúncia, em 26 de abril de 1876, o qual foi aceito sem grandes dificuldades pela Santa Sé, insatisfeita pelo que considerava uma “nova forma de galicanismo, que representava uma união muito estreita entre Igreja e Nação”, bem como com o Partido Conservador, implicando “o uso da religião para promover objetivos políticos”.²⁵

Esta postura contrastava com a do bispo de Quebec, Charles-François Baillargeon (1798-1870), que assumiu a diocese em 1851, tornando-se arcebispo entre 1867 e 1870²⁶. Escolhido para ser “agente, procurador e vigário geral dos bispos canadenses em Roma”, em 1850, Baillargeon considerava sua presença aí supérflua, demonstrando não compartilhar de “todas as tendências

²³ Uma postura que, segundo Warren, apenas se intensificou no pontificado de Leão XIII, mais aberto aos compromissos com a sociedade contemporânea (Warren, 2026, p. 237).

²⁴ Dentre estas, destaca-se sua viagem à Europa, entre maio e setembro de 1841, que teve como objetivo recrutar religiosos para atender às necessidades da diocese de Montreal, preencher paróquias, fundar escolas e consolidar missões. Ele também buscava criar uma província eclesiástica para unificar as dioceses canadenses. Essa viagem coincidiu com o renascimento religioso na França, marcado pela atuação de figuras como Lacordaire e Louis Veuillot, e pela rápida expansão de congregações religiosas. Bourget conseguiu atrair para sua diocese parte desse movimento apostólico, como antecipado pela edição de 23 de junho de 1841 do jornal *L'Univers*, de Louis Veuillot, ao saber que o “Bispo de Montreal” tinha “vindo à Europa para buscar reforço de obreiros evangélicos” (Le Blanc, 2012, p. 226).

²⁵ Le Blanc, 2012, p. 279. Uma Carta coletiva do episcopado, datada de setembro de 1875, pode ser interpretada nesse sentido. Apesar de não serem claro os motivos da sua renúncia, o fato é que, apresentada em 28 de abril de 1876, o pedido de Bourget foi aceito em 11 de maio e tornou-se efetiva em 9 de setembro do mesmo ano.

²⁶ Eleito em 14 de janeiro de 1851 bispo titular de Tlos e nomeado no dia seguinte coadjutor de Quebec, Baillargeon assumiu a administração efetiva da diocese de Quebec em 12 de abril de 1855, dado o estado de saúde do então bispo responsável Turgeon, acometido de uma paralisia (Le Blanc, 2012, p. 225).

ultramontanas militantes de alguns de seus colegas no episcopado, notadamente o Bispo Bourget, com quem também não concordava em questões de liturgia” (Le Blanc, 2012, p. 225).

Mais reservado que seu sucessor Taschereau, o bispo Baillargeon adotou uma postura pragmática ao apoiar a tolerância religiosa durante a implementação do Código Civil de 1866 e ao criticar o excesso de apelos a Roma para questões locais. Neste sentido, sua atitude alinhava-se aos termos do *Union Act*, que promovia a liberdade religiosa e favorecia a convivência entre o catolicismo francófono e o protestantismo anglófilo. Ele também apoiou, com certa resignação, a Confederação de 1867, considerando-a uma alternativa menos prejudicial diante da possibilidade de anexação da província de Quebec aos Estados Unidos²⁷ ou de uma representação proporcional, como evidenciado por sua Carta pastoral de 12 de junho de 1867²⁸. O “legalismo” de Baillargeon foi apoiado pelo papa Pio IX, que o nomeou conde romano e assistente do trono pontifício em 1862, durante uma viagem que fez a Roma para a canonização dos Mártires do Japão²⁹.

Assim, desenhava-se uma situação paradoxal: uma espécie de “galicanismo papista” (Warren, 2014, p. 36) dos bispos Baillargeon e seu sucessor, Taschereau, marcado por compromissos legalistas que evitavam a mistura entre religião, política e nacionalismo, apoiado pela Santa Sé, medindo forças com um “ultramontanismo galicano”, associado ao intransigentismo de Bourget e seus apoiadores. Segundo Warren:

O Canadá francês apresentou o surpreendente paradoxo dos ultramontanos se rebelando contra a Santa Sé e dos galicanos constantemente exigindo submissão aos decretos romanos. Ironicamente, os ultramontanos chegaram a recorrer aos tribunais ou ao parlamento para contestar decisões de Roma (Warren, 2014, p. 238).

Estas disputas e tensões foram indissociáveis do desenvolvimento da imprensa periódica.³⁰ Os diários de opinião multiplicaram-se e polarizaram o debate em função dos partidos, das ideologias políticas e das tendências religiosas, mobilizando os bispos canadenses, que lamentavam a ausência de um jornal católico em língua francesa, que servisse à causa da Igreja e se convertesse em uma arma de combate à imprensa liberal.³¹

²⁷ Sobre esta outra ameaça que pairava sobre o projeto de um Canadá francês e católico, vale lembrar que ainda sob o regime da União, representantes da elite intelectual e econômica canadense apoiavam a anexação à República do Sul, “cuja prosperidade os fascinava”. Agrupados em torno de jornais como *l’Avenir* e *Le Pays*, esses liberais anexacionistas imaginavam a possibilidade do florescimento da cultura francesa sob a bandeira americana, seguindo o exemplo da Louisiana, que havia mantido seu direito civil e onde a língua francesa ainda era falada. Uma forte reação a essa tentação de fundir o Canadá franco-católico ao amplo conjunto anglo-protestante americano desenvolveu-se tanto nos círculos políticos quanto religiosos (Savard, 1979, p. 35).

²⁸ *Lettre pastorale de Mgr. C. F. Baillargeon, administrateur apostolique de l’archidiocèse de Québec*, annonçant la division du diocèse de Québec, et l’érection du diocèse de S. Germain de Rimouski, Québec, 11 avril 1867 (Bibliothèque de l’Assemblée nationale. Québec, Code: B.C. 1867 049, 5 p.).

²⁹ Baillargeon participou do Concílio Vaticano, em 1869, mas não chegou a votar pelo dogma da infalibilidade papal, pois seu estado de saúde o forçou a regressar antes do fim da plenária conciliar à sua diocese, onde faleceu 13 de outubro de 1870 (Le Blanc, 2012, p. 226).

³⁰ Segundo Harvey, o desenvolvimento da imprensa periódica foi ainda favorecido por fatores demográficos, culturais, econômicos e tecnológicos. Em Québec, o aumento da população, o progresso da alfabetização e da escolarização, além da prosperidade econômica da cidade contribuiu para aumentar o público leitor de jornais (Harvey, 2002).

³¹ Na província de Québec, o principal porta-voz das tendências políticas liberais era o jornal *Le Pays* (1852-1871), fundado em Montreal em 1852 para substituir seu antecessor, o radical *L’Avenir* (1847-1857). A combatividade

Esta atuação estava em sintonia com os documentos papais emitidos por Gregório XVI (1831-1846) – Encíclica *Mirari Vos* (1832) –, Pio IX (1846-1878) – Encíclicas *Qui pluribus* (1846) y *Quanta Cura* (1864) – e Leão XIII (1878-1903) – Encíclicas *Quo Multum* (1886), *Inter Graves* (1894) y *Immortale Dei* (1885) –, que manifestaram preocupação sistemática com os meios de comunicação, condenando a imprensa não católica, bem como a liberdade de consciência e expressão, como supostos “erros da modernidade” (Silva; 2021). Ao mesmo tempo, esses pontífices elegeram a “imprensa católica como uma das principais estratégias na cruzada para combater as publicações classificadas como ímpias e a-católicas e para restaurar o catolicismo na sociedade” (Marin, 2020, p. 20).

Consequentemente, legitimada por esta posição oficial da Igreja católica, a segunda metade do século XIX assistiu à ascensão da imprensa católica em vários países³². Em apoio à sua causa, o bispo Bourget impulsionou a criação do primeiro jornal católico em língua francesa no Baixo Canadá: o *Mélanges religieux*, fundado em Montreal e publicado entre 1841 e 1852 (Lemieux, 1969). Na cidade de Quebec, dois novos e importantes jornais em língua francesa surgiram simultaneamente: *Le Journal de Québec* (1842-1889) e *Le Courrier du Canada* (1857-1901). Embora o primeiro fosse um jornal político, fundado em 1842 por Joseph-Edouard Cauchon, atraiu a simpatia do clero quebequense, pois, no início de suas atividades, seu editor defendia a unidade do povo franco-canadense, supostamente abalada pelo *Union Act*. No entanto, à medida que Cauchon passou a assumir posições francamente liberais, sua relação com a ala ultramontana do clero se deteriorou.

Reunidos em Concílio plenário, no ano de 1854, os bispos da província de Quebec concordaram sobre a criação do jornal *Le Courrier du Canada*, lançado em fevereiro de 1857. Na ausência de um clero majoritariamente ortodoxo, esse jornal se converteu em porta-voz de seu editor-chefe, Charles-Taché, engajado na edificação de um verdadeiro projeto civilizacional em moldes ultramontanos, como passaremos a analisar.³³

Um jornal ultramontano a serviço do nacionalismo franco-canadense

Em apoio à sua causa, os bispos reunidos em concílio evocaram a recomendação contida na encíclica *Inter multiplices*, publicada por Pio IX em 21 de março de 1853, em favor dos jornalistas leigos e, em especial, da atuação de Louis Veuillot na imprensa católica. Em diversos círculos católicos das elites franco-canadenses, o pensamento de Veuillot já era corrente. Em especial sua verve “*antivoltairienne*” que, encarnando uma corrente ideológica que remonta aos tradicionalistas franceses da primeira metade do século XIX, se definiu pela radical oposição ao liberalismo

desses órgãos era dedicada à defesa dos membros do *Institut Canadien*, principal bastião do liberalismo radical no Baixo Canadá (Sylvain, 1973, p. 256).

³² Sobre o desenvolvimento da imprensa católica ultramontana no Brasil da segunda metade do século XIX, ver: Silva, 2020.

³³ Esta tendência parece se manter nos anos seguintes. Embora a diocese de Quebec não se constituísse em reduto do ultramonismo intransigente, não faltaram leigos que protagonizassem esta tendência do catolicismo. A partir da década de 1870, já no contexto do episcopado de Taschereau, destaca-se a atuação do jornalista Jules-Paul Tardivel, editor do hebdomedário *La Vérité* (1881-1923), além dos membros ultramontanos do *Cercle catholique* (1876-1897). Contudo, esses ortodoxos continuariam sendo minoria no seio do clero da capital, segundo Warren (2014, p. 231).

(Voisine; Hamelin, 1985, p. 13)³⁴. Por isso, a discussão foi consensual quanto ao fato de que um jornal “editado por leigos cultos e cristãos daria mais frutos, pois encontraria menos preconceitos do que se estivesse sob a direção exclusiva do clero”.³⁵

Assim, decidiu-se pela fundação de “um periódico religioso que cumprisse, em pequena escala, o papel de *L’Univers*³⁶, cujo editor era «reconhecido como o líder indiscutível dos ultramontanos de ambos os mundos” (Sylvain, 1967, p. 257). Para tanto:

[...] uma comissão composta por padres e leigos, chefiada pelo Padre Antoine Racine, pároco de Saint-Jean-Baptiste, mais tarde primeiro bispo de Sherbrooke, encarregou-se de desenvolver o projeto do periódico, colocado sob o alto patrocínio do bispo da diocese, Dom Charles-François Baillargeon (Sylvain, 1967, p. 259).

Este projeto retomou o plano traçado previamente pelo Abade Narcisse Bélanger, que dois anos antes buscara colocá-lo em prática. Segundo o plano, o jornal deveria ser semidiário, ter três páginas de material variado, ser abastecido por três escritores pagos, ter correspondentes estrangeiros e todos os seus editores deveriam ser seculares, sem que nada no título indicasse que se tratava de um jornal religioso. No entanto, a propriedade deveria pertencer a clérigos, para não trair seus objetivos.³⁷

Sob a orientação do bispo Baillargeon, o padre Bélanger embarcou na empreitada, mobilizando os bispos de diversas dioceses e envolvendo, também, o prefeito de Quebec, Dr. Robitaille, “que se colocara à frente dos cidadãos francamente católicos e amigos sinceros de seu país” (Sylvain, 1967, p. 264). De tal forma que, no início de dezembro de 1856, fundos suficientes já haviam sido arrecadados, ou pelo menos prometidos.

Definia-se, assim, o perfil do jornal *Le Courrier du Canada*, que não seguira todas as recomendações inicialmente projetadas: tratava-se de um jornal dedicado sobretudo à “defesa dos princípios católicos, da liberdade da Igreja e dos grandes interesses da nacionalidade canadense”³⁸. Publicado diariamente (exceto aos domingos)³⁹, sua impressão foi confiada ao Sr.

³⁴ Além do seu jornal *L’Univers*, Veuillot (1813-1883) foi autor de diversos artigos, editoriais, panfletos e livros populares. Trata-se de uma produção polêmica, em tom quase sempre agressivo, dirigindo-se a diversos oponentes e tratando sobre temas plurais. O que o fez uma das principais influências nos círculos ultramontanos na Europa e no continente americano, inclusive no âmbito do Concílio Vaticano I (1869-1870) (Brown, 1977).

³⁵ Sobre os trâmites conciliares, ver : *Mandements, lettres pastorales et circulaires des évêques de Québec*, 1850-1870, Publié par Mgr. H. Tétu et l’abbé C.-O. Gagnon, vol. IV, Quebec : Imprimerie Générale A. Côté et Cie, 1988, pp. 165-166. Disponível em: <https://numerique.banq.qc.ca/patrimoine/details/52327/4278689>.

³⁶ A trajetória de Veuillot como jornalista inicia-se com seu engajamento, em 1840, aos editores do jornal *Univers Religieux*, criado em 1833 pelo Abbé Migne, que logo se tornou o principal órgão da propaganda ultramontana, mudando o nome para *L’Univers*, em 1848, do Veuillot se tornou o editor. O jornal circulou, com algumas interrupções, até 1874.

³⁷ O plano acrescia, ainda, que os bispos deveriam endereçar aos curas de suas respectivas dioceses uma circular, convidando-os a empreenderem “uma ou duas ações de 5 ou 10 louis” (moeda que circulava à época) de forma a contribuírem financeiramente. Ele projetava, ainda, que o jornal deveria ser impresso em Montreal, “onde a ação da má imprensa se exerce ainda mais” (Lettre de l’abbé Narcisse Bélanger à Mgr Bourget, Saint-Arsène, 2 août 1856, *apud*, Sylvain, 1967, p. 259-260).

³⁸ Já no seu o seu cabeçalho trazia a inscrição “Eu creio. Eu espero. Eu amo”. No Original: “Je crois. J’espère. J’aime” (*Le courrier du Canada*, n. 1, 2 de fevereiro de 1857).

³⁹ De diário, *Le Courrier du Canada* passou a ser publicado três vezes na semana de 1º de agosto de 1858 a maio de 1877, devido a dificuldades financeiras. Cada edição possuía cerca de 4 páginas, organizadas em 5 colunas.

Brousseau – “o impressor ordinário do Arcebispado de Quebec” – e dirigida por Hector Langevin e Joseph-Charles Taché. No entanto, Langevin, que já havia trabalhado na edição do *Mélanges religieux*, deixaria a redação do *Courrier du Canada* em 1º de julho de 1857.

Doravante, o jornal estaria inteiramente sob a pena de Taché, já conhecido dos ultramontanos graças à sua verve antiliberal, principalmente depois que trechos de seu panfleto intitulado *La Pléiade Rouge* foram impressos em Paris, no *L'Univers* de Veuillot. A posição ultramontana de Taché, bem como suas influências “veuillotistas”, foram imediatamente inequívocas. A primeira edição do jornal trazia como epígrafe um “Extrato dos estatutos da Associação de proprietários do *Courrier du Canada*”, na qual se lia:

O objetivo dos proprietários é de fundar um jornal francês, independente, sinceramente católico e nacional; um jornal que, mantendo intactos os direitos da justiça e da verdade, seja no nosso meio uma obra de reconciliação e reaproximação. (*Le Courrier du Canada*, 2 de fevereiro de 1854)

Nesta mesma edição, a seção “*Notre journal*”, assinada pelo próprio Taché, explicava que a ideia que presidiu a criação do jornal era de “reunir em um feixe todos os elementos que formam esse pequeno povo que se chama *Canadense-francês*”, detalhando:

Existem três coisas que constituem um povo à parte; estas coisas são: a religião, os costumes e a língua; quando uma população difere por estes três pontos das populações que a avizinham, nós a chamamos uma nacionalidade [...] Aos nossos compatriotas, dos quais estamos separados por crenças, origem e língua, dizemos: à vontade em nossa fé religiosa, não seremos atormentados pelo espírito de proselitismo; orgulhosos de nossa origem, jamais sentiremos a necessidade de denegrir outras raças. Respeitaremos todas as crenças, todos os afetos. Seremos, em tudo aquilo em que não acreditamos, tolerantes, sem cumplicidade (*Le Courrier du Canada*, 2 de fevereiro de 1857).

Se a defesa da tolerância religiosa parecia alinhada à postura do bispo Baillargeon e ao bom convívio com o governo protestante, o nacionalismo francófono de Taché destoava do catolicismo “universalista” difundido pela Santa Sé.⁴⁰ Por mais que afirmasse se estabelecer “em terreno quase neutro, fora de qualquer ligação com homens de poder, fora de uma popularidade passageira e no amor sincero pela felicidade de todos” (*Le Courrier du Canada*, 2 de fevereiro de 1857), o apelo à religião, aos costumes e à língua evidencia os nexos entre ultramontanismo e nacionalismo no projeto civilizacional veiculado pelo jornal.⁴¹

Em outro editorial, Taché afirmava que *Le Courrier du Canada*, ao “declarar-se nacional, declarou-se, antes de tudo, católico”. Por isso, seu dever era “não deixar passar despercebido [...] nada que possa estar ou parecer estar em contradição com os ensinamentos da autoridade encarregada de interpretar aos homens os decretos da divindade”, ou seja, a autoridade eclesial (*Le Courrier du Canada*, 4 de fevereiro de 1857)⁴².

⁴⁰ A compreensão dos posicionamentos institucionais da Santa Sé sobre a imprensa católica no Canadá francês se beneficiaria de pesquisas aos Arquivos do Vaticano e da *Secretaria de Estado e da Congregação dos Negócios Eclesiásticos Extraordinários*.

⁴¹ Segundo François Laniel (2015, p. 16), este tipo de edificação nacional projetada nos permite situar o nacionalismo canadense-francês entre as “nações culturais sem Estado soberano”.

⁴² No original: “en se déclarant national, s'est par-dessus tout et avant tout déclaré catholique. Non pas que nous nous croyions la mission d'évangéliser, de dogmatiser et de faire de la controverse; mais nous tenons, comme

Em suma, o jornal colocava-se a serviço de uma verdadeira missão: edificar a nação canadense-francesa sobre as bases de certos princípios e a partir de algumas iniciativas empreendidas por seu clero. Este projeto revela uma forte influência do tradicionalismo católico francês e, particularmente, de Louis Veillot. Na sua segunda edição, o jornal declarava: “Todos os dias estamos em contato com a capital da França, de onde podemos tirar tudo o que precisamos” (*Le Courrier du Canada*, 3 de fevereiro de 1857). Segundo Sylvain, as abundantes reproduções do jornal *L'Univers* na folha de Taché renderam-lhe até mesmo o apelido de “*Veillotule*”, por parte de seus oponentes liberais (Sylvain, 1967, p. 271).

Entretanto, o vínculo com o tradicionalismo católico francês exigiu mediações, que levassem em conta as especificidades locais. A ausência de instituições políticas próprias e de um “nacionalismo político ou cívico”, impunha que a nação canadense-francesa se construísse não sobre estruturas estatais, mas sobre elementos culturais e históricos compartilhados, sendo a religião o principal deles.⁴³

É justamente essa particularidade histórica que levou Taché a definir a religião, os costumes e a língua como os três elementos essenciais que caracterizariam um povo. Segundo ele, foi por meio da recusa da assimilação que os franco-canadenses teriam desenvolvido conscientemente uma mentalidade oposta à mudança, em todos os aspectos que os caracterizam. Segundo ele:

Uma população pequena como a nossa não poderia preservar sua nacionalidade distinta, apesar das circunstâncias, sem fazer consideráveis sacrifícios materiais por ela. E entre esses sacrifícios estão aqueles que resultaram da recusa em aceitar instituições que eram novas para nós e que infalivelmente nos teriam destruído; e nosso pequeno povo demonstrou, nisso, ser dotado de um espírito nacional de conservação pelo qual bendizemos a Providência; porque, para nós, preservar nossa fé católica e permanecer franceses são duas coisas que superam todas as vantagens materiais do mundo (*Le Courrier du Canada*, 31 de março de 1857).

Dessa forma, preservar a tradição (cultural e religiosa) se revelava a condição essencial para edificar a nação. Embora vinculado às referências francesas, este projeto nutria o sentimento de admiração e de lealdade em relação à Inglaterra, enquadrando-se no espírito legalista das elites políticas e da Igreja de Quebec. Taché considerava o formato político proposto pelos defensores da Confederação uma condição temporária necessária para organizar um povo, segundo ele, ainda em sua “infância”:

Com a execução de tal projeto [união federal], seria fácil para nós nos organizarmos pacificamente, sem ansiedade, sob a proteção de uma grande potência, e quando a hora da independência soar, será fácil para nós desfazer o nó que nos une à pátria-mãe sem cortá-lo violentamente (*Le Courrier du Canada*, 14 de dezembro de 1857)⁴⁴.

faisant partie de notre devoir, de ne rien laisser passer inaperçu dans notre sphère d'observation, de tout ce qui pourrait être ou paraître en contradiction avec les enseignements de l'autorité chargée d'interpréter aux hommes les décrets de la divinité”.

⁴³ Segundo Laniel (2015, p. 16-17), este tipo de edificação nacional projetada nos permite situar o nacionalismo canadense-francês entre as “nações culturais sem Estado soberano”.

⁴⁴ O projeto da Confederação foi formulado por dois políticos canadenses: o escocês John Macdonald e George-Étienne Cartier, respectivamente representantes das províncias do Alto e Baixo Canadá. Nos termos defendidos por Cartier, na Conferência de Quebec, em 1864, o sistema federal parecia o mais conveniente para proteger os direitos culturais e linguísticos dos franco-canadenses, promovendo poderes provinciais significativos sobre

Construir a nação franco-canadense abrangia um domínio que os liberais consideravam exclusivamente profano e secular: o da política. Esta posição afinava-se com o ultramontanismo dos países europeus, onde a Igreja local, respondendo às transformações detonadas pela Revolução Francesa e aos outros projetos de modernidade em voga, buscou se inserir na soberania paralela e universal representada pelo poder pontifício, defendendo posições legitimistas, restauracionistas e ultramonarquistas. Mas enquanto na Europa essa soberania paralela surgiu porque a Igreja já não conseguia manter uma concorrência com os Estados no plano dos ordenamentos jurídicos (Prodi, 2010), no caso do Canadá francês, onde o Estado representava um poder estrangeiro e a nação quase não dispunha de “instituições sobre as quais de apoiar, se (re)fundar, se (re)inventar” (Laniel, 2015, p. 19), a Igreja católica tornava-se o próprio sujeito do *constructo* político e civil projetado.

Desprovido de instituições estatais capazes de conferir tangibilidade à nação franco-canadense, o projeto de Taché apelava para a família, considerada a instituição fundante da sociedade e responsável pela preservação da tradição (Zoltvany, 1969, p. 432). Segundo ele, “seria essencial preservar os valores da família, pois é ela que transmite as tradições e, assim, assegura a continuidade da sociedade e a unidade nacional”. Assim, “é aos pais de família, aos sacerdotes não do templo, mas da casa” que Deus delega esses poderes (*Le Courrier du Canada*, 28 de julho de 1858). Decorria desta visão sua defesa contundente da indissolubilidade do matrimônio religioso (*Le Courrier du Canada*, 26 de fevereiro de 1859), opondo-se aos defensores do casamento civil que, segundo ele, queriam reduzir essa instituição sacramental a um simples ato de registro (*Le Courrier du Canada*, 25 de fevereiro de 1859).

Além da família, a agricultura constituía um valor fundamental ao projeto de edificação de uma nação católica e francófona. Segundo Taché, diferentemente do trabalho de um operário, cultivar a terra era um trabalho nobre por excelência, a base da alimentação da família do agricultor e um meio pelo qual ele “legava todas as suas tradições” aos seus filhos (*Le Courrier du Canada*, 14 de dezembro de 1857). Na sua visão, os franco-canadenses estavam ameaçados pelo materialismo americano, o que o levava a defender a colonização como meio de deter o fluxo de imigrantes para os Estados Unidos e fixar o povo ao solo (*Le Courrier du Canada*, 30 de abril de 1857).⁴⁵

Outro ponto que afastava o projeto de Taché dos princípios liberais era sua concepção das relações entre as classes que compõem uma mesma sociedade, pautada na ideia de desigualdade natural entre os homens e, conseqüentemente, no respeito à hierarquia. Segundo ele:

O tamanho dos homens varia..., a força muscular do homem varia...; as faculdades intelectuais do homem variam..., as propensões morais dos homens variam... a desigualdade de condições é o resultado necessário, obrigatório, inevitável e conseqüentemente

questões como língua, cultura e educação e garantindo a autonomia de Quebec dentro do novo Domínio britânico projetado. (McIntosh; Buckner, 2006)

⁴⁵ Seu empenho neste sentido foi tamanho que, em 1858, enviou diretamente a Montalembert -, expoente do ultramontanismo francês cara aos ultramontanos do Canadá- uma cópia do panfleto *Des Provinces de l'Amérique du Nord et d'une union fédérale*. Tratava-se de uma coletânea de trinta e três artigos publicados anteriormente no *Courrier du Canada* e compilados pelo mesmo editor do jornal (os irmãos Brousseau), no qual Taché discorria sobre os aspectos demográficos, políticos e religiosos das diversas províncias canadenses, de modo a embasar a opinião pública sobre a discussão do projeto de união federal das mesmas, como viria se dar em 1867, sob o arranjo da Confederação. A preocupação de Taché ao tentar esclarecer o conde Montalembert se deve ao fato de que, desde 1848, este passara a elogiar a República Americana, acreditando ter encontrado na aliança entre a Igreja e a liberdade nos Estados Unidos uma combinação que buscava em vão na Europa. Essa posição só o distanciaria da vasta maioria da elite franco-canadense, cada vez mais crítica aos Estados Unidos (Savard, 1979, p. 35).

perpétuo de todas as diferenças que acabamos de apontar e de muitas outras... Esta desigualdade de condições é necessária para o progresso humano (*Le Courier du Canada*, 24 de fevereiro de 1857).

O fundamento para esta concepção era buscado no próprio cristianismo que, segundo Taché, ensina ao homem que “é na desigualdade que ele acumula o maior mérito” (*Le Courier du Canada*, 20 de fevereiro de 1857). Pautado neste pressuposto doutrinário, opunha-se às ideias sociais e políticas que, por desafiarem a hierarquia estabelecida, convertiam-se nos “erros da modernidade”. O primeiro deles sendo a democracia que, segundo Taché, além de ateuísta, consagrava o princípio da soberania do povo:

O povo, nas ideias do *Pays* [principal folha liberal] e de toda a seita ímpia-democrática, seria um ser, e um ser coletivo, note-se bem, encontrando exclusivamente em si mesmo a sua origem e o seu fim, a meta e o meio, a autoridade e a obediência, a liberdade e a repressão, enfim [...] É a negação de Deus ou é panteísmo, é o absurdo (*Le Courier du Canada*, 6 de novembro de 1857).

Decorrentes da democracia, o socialismo ou o comunismo, que ele rejeitava “por precaução”, dado serem doutrinas supostamente pouco difundidas no Canadá, “pela simples razão de que o proletariado não existe entre nós e que o espaço abunda” (*Le Courier du Canada*, 12 de março de 1858).

Por fim, a pena de Taché era implacável contra os dois inimigos mais próximos dos católicos franco-canadenses: o protestantismo e os livres-pensadores. Em relação ao primeiro, embora afirmasse ser tolerante, condenava o princípio da livre interpretação, acusando

Aí reside a essência do erro e do orgulho! Recusar-se a acreditar nas decisões de bispos, concílios e teólogos para substituí-las pela autoridade individual em questões de interpretação; recusar-se a obedecer e querer comandar; rebelar-se contra a autoridade paterna para se submeter a todas as tiranias; recusar-se a reconhecer o Papa como a cabeça visível da Igreja de Cristo [...] não acreditar nos Padres da Igreja, mas sim nos atos do Parlamento em questões religiosas, clamando contra as invasões do Catolicismo quando as propriedades da Igreja são saqueadas, confiscadas e queimadas. (*Le Courier du Canada*, 23 de maio de 1857).

Apesar de todos esses erros atribuídos ao protestantismo, Taché o considerava um mal menor se comparado aos livres-pensadores, que se dirigiam a pessoas cultas e, especialmente, aos jovens, que estão “na idade das paixões, onde a razão tem menos influência” (*Le Courier du Canada*, 12 de março de 1858). Segundo ele, era através de certos jornais franceses ruins que os livres pensadores disseminavam a irreligião, o ateísmo e o racionalismo na sociedade franco-canadense, o que justificava apropriar-se das mesmas armas destes inimigos para combatê-los, ou seja, investir na imprensa católica.

Considerações Finais

O discurso veiculado nas páginas do *Courrier du Canada* nos permite concluir que, durante o período em que Taché foi seu editor-chefe, este jornal ultramontano colocou-se a serviço da construção da nação franco-canadense, pautada na tradição cultural, étnica e católica⁴⁶. Embora

⁴⁶ Na página inicial de cada edição, o título do jornal vinha acompanhado da frase “Jornal dos interesses canadenses”.

seu combate aos inimigos da Igreja refletisse as diretrizes da Roma, a fusão entre nacionalismo e ultramontanismo revelava tensões com a Santa Sé, que gradualmente tendeu a ver os Estados Unidos como o epicentro da Igreja católica na América do Norte, graças ao progresso material deste país. Da mesma forma, via esta parte do continente como um todo anglo-saxão homogêneo, considerando o futuro do catolicismo em termos de “penetração de suas classes sociais dominantes, naturalmente, também anglo-saxônicas” (Pizzorusso; Sanfilippo, 2011, p. 80).

Segundo essa perspectiva, relatada pelo núncio Gaetano Bedini em missão à América do Norte em 1853, não havia lugar para franco-canadenses. Embora o núncio se declarasse “fascinado pelo Canadá e seus habitantes” – sobretudo pela importância que conferiam à religião –, ele considerava “seu clero muito ignorante e, acima de tudo, muito apegado à língua francesa e, aos olhos de Bedini, incapaz de influenciar as elites anglo-saxônicas”. (Sanfilippo, 2011, p. 80)

Bedini se tornaria Secretário de Propaganda e pôde contribuir para uma nova abordagem da Santa Sé em relação ao Canadá que, mesmo antes de 1867, já era percebido “não como uma colônia, mas uma nação *in fieri*” (Sanfilippo, 2011, p. 32). Contudo, era justamente o problema dos conflitos interétnicos, assim como aqueles que rivalizavam as cidades de Montreal e Quebec, que preocupavam a nunciatura, assim como os cardeais da Propaganda que, por essa razão, encarregaram Cesare Roncetti de uma segunda viagem à Quebec, em 1876. Embora se mostrasse impressionado pelos magníficos estabelecimentos religiosos desta província e pelo fato de que sua população demonstrava “uma sincera devoção em relação Santa Sé”,⁴⁷ o que mais lhe chamou a atenção foram justamente os efeitos positivos da imigração e da Confederação, “que na sua visão teriam detonado um processo favorável à americanização e feito de Montreal o centro do Canadá” (Sanfilippo, 2011, p. 33).

Segundo Sanfilippo (2011, p. 34), as consequências destas viagens, assim como dos 103 volumes do *Dizionario di erudizione storico-ecclesiastica*, redigido por Gaetano Moroni, a partir de 1840, inspiraram a estratégia romana para a América do Norte. O autor sublinha três aspectos que estes documentos destacam: primeiramente, a imagem do Canada francês (os “dois Canadás”, sob a União e, posteriormente, Quebec e Ontário, sob o regime da Confederação) não como colônias inglesas mas como “o berço de uma nova nação norte-americana”; segundo a tendência a subestimar os efeitos ou a esquecer o efeito da *Conquête* sobre a sociedade baixo-canadense”; por último, a tendência a comparar o Canadá francês aos Estados Unidos “e jamais aos outros estabelecimentos britânicos nas Américas”, ignorando os efeitos da Conquista e revelando uma “mudança das prioridades romanas a respeito do catolicismo norte-americano”.

Em suma, se até o início do século XIX o Canadá era visto por Roma como o berço do catolicismo norte-americano, a partir de 1850, porém, “com o Concílio de Baltimore e o fortalecimento das dioceses estadunidenses” (Sanfilippo, 2011, p. 34), o epicentro da Igreja católica na América do Norte deslocou-se para os Estados Unidos. Aos olhos da Santa Sé, o Canadá francês passou a ser percebido como uma versão menor e menos relevante dos Estados Unidos, onde o progresso econômico e a imigração pesavam mais que a língua e as tradições francesas, pilares da nação franco-canadense projetada pelo *Courrier du Canada*.

47 Especificamente, foi a cidade de Montreal que mais o impressionou, sobretudo pelo seu progresso material e pelo espetáculo dos *Zouaves*: corps voluntários católicos formado em 1861 para defender os Estados pontifícios e que, inspirados pelo uniforme dos *zouaves* da armada francesa colocou-se em defesa até 1870. Sobre os *Zouaves* canadenses, ver: Hardy, 1980.

Para além das possíveis tensões entre a Santa Sé e a diocese de Quebec, ou das lutas de poder envolvendo o episcopado local e laicos liberais, as reflexões aqui apresentadas nos convidam a um olhar mais aprofundado e empiricamente embasado sobre as várias modulações do ultramontanismo no continente americano. Especialmente, quando se considera que os constitucionalismos, os liberalismos políticos e o nacionalismo foi algo constitutivo da formação desta vertente do catolicismo, quando, na Europa, o ultramontanismo se definiu por combate a tais ideias e tendências.

Nos diferentes contextos, porém, a imprensa católica constituiu uma arma de combate comum aos ultramontanos, vetor de suas conexões transnacionais, ajudando a definir a condição ao mesmo tempo global e específica do catolicismo oitocentista.

REFERÊNCIAS

- AYALA, Elisa Cárdenas. **Roma: el descubrimiento de América**. México: El Colegio de México, 2018.
- BAILLARGEON, Charles-François. **Dictionary of Canadian Biography**. Vol. IX (1861-1870). Disponível em: https://www.biographi.ca/en/bio/baillargeon_charles_francois_9E.html. Acesso em 29 set. 2025.
- BARROS, José D'Assunção, Histórias interconectadas, histórias cruzadas, abordagens transnacionais e outras histórias. **Secuencia**, n. 103, 2019, pp. 3-4 (3-30). Disponível em: doi: [10.18234/secuencia.v0i103.1528](https://doi.org/10.18234/secuencia.v0i103.1528). Acesso em 15 out. 2024.
- BEAULIEU, André et Jean HAMELIN. **La presse québécoise: des origines à nos jours**. Vol. 1. Sainte-Foy: Presses de l'Université Laval, 1973.
- BERNIER, Gérald; SALÉE, Daniel. **Les Patriotes, la question nationale et les rébellions de 1837-1838 au Bas-Canada**. Québec: Presse de l'Université Laval, 2001.
- BITTENCOURT, Agueda Bernardete, "O livro e o selo: editoras católicas no Brasil". **Pro-Posições**, vol. 25, n. 1, p. 117-137, 2014.
- BRITO, Gonçalves, Joannisval. Monarquia republicana Considerações sobre o sistema político canadense e seus princípios constitucionais. **Revista de informação legislativa**. ano 44 n. 174 abr./jun. 2007. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/44/174/ril_v44_n174_p129.pdf. Acesso em 4 nov. 2024.
- BROWN, Marvin Luther. **Louis Veuillot, French Ultramontane Catholic Journalist and Layman, 1813-1883**. North Carolina: Moore Publishing Co., 1977.
- CASANOVA, J. Rethinking Secularization: A Global Comparative Perspective. **The Hedgehog Review**, vol. 8, n. 1-2, pp. 7-22, 2006.
- CODGNOLA, Luca; PIZZORUSSO, Giovanni; SANFILIPPO, Matteo. **Le Saint-Siège, le Québec et l'Amérique française**. Les archives vaticanes, pistes et défis. Roma: Edizioni Sette Città, 2011.
- CONRAD, Sebastian. **O que é História Global?** Lisboa: Edições 70, 2019, p. 90.
- DE BONVILLE, Jean. La presse dans le discours des évêques québécois de 1764 à 1914. **Revue d'histoire de l'Amérique française**, 49(2), pp. 195-221, 1995.
- DI STEFANO, Roberto; SILVA, Ana Rosa Clocllet da (dir.). **Catolicismos em perspectiva histórica: Argentina y Brasil en diálogo**, 1. ed., Buenos Aires: Teseo, 2020.
- DI STEFANO, Roberto. Las trampas sutiles del ultramontanismo. **Debates de Redhiesel**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 61-70, 2017.
- DI STEFANO, Roberto, Del Estado a la Iglesia: la expropiación del patronato laico de Punta del Agua, **Reflexão**, v. 44, pp. 1-18, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2447-6803v44e2019a4632>.
- FANTAPPIÈ, Carlo. La Santa Sede e il Mondo in prospettiva storico- giuridica. **Rechtsgeschichte Legal History**, n. 20, pp. 332-338, 2012.
- FERRETTI, Lucia. **Brève histoire de l'Église catholique au Québec**. Montréal: Boréal, 1999.
- HARDY, René. À propos du réveil religieux dans le Québec du XIXe siècle : le recours aux tribunaux dans les rapports entre le clergé et les fidèles (district de Trois-Rivières). **Revue d'histoire de l'Amérique française**, 48(2), 187-212, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/305324ar>.
- HARDY, René. **Les Zouaves**. Une stratégie du clergé québécois au XIXe siècle. Montreal: Les Éditions de Boréal, 1980.
- HARVEY, F. Le diocèse catholique au Québec: un cadre territorial pour l'histoire sociale. **Les Cahiers des dix**, (56), 51-124., 2002.
- KOSSELLECK, R. **História de Conceitos**: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.
- KOSSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo**. Estudo sobre História. Trad. Marcus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-RJ, 2014, pp. 182-183.
- JANCSÓ, István (Org). **Brasil: Formação do Estado e da Nação**. São Paulo: Hucitec, 2003.
- LAMONDE, Yvan. **Histoire sociale des idées au Québec**. Volume 1, 1760-1896, Montréal, Fides, 2000.
- LE BLANC, Jean. **Dictionnaire biographique des évêques catholiques du Canada**. 2e. ed., Canada: Bibliothèque et Archives nationales du Québec, 2012.
- LEMIEUX, D. Les Mélanges religieux, 1841-1852. **Recherches sociographiques**, 10(2-3), 1969, pp. 207-236. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/055462ar>. Acesso em 16 maio 2024.
- McINTOSH, Andrew; BUCKNER, Phillip A., "Conférence de Québec, 1864". In: **L'Encyclopédie Canadienne**, 2006. Disponível em: <https://thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/conference-de-quebec-1>.
- MARIN, Jérri Roberto., "O desenvolvimento da imprensa católica no Brasil". In: FONSECA, A.D.; MARIN, J.

- R.. **História, imprensa e religião**. Curitiba: Appris, 2020, p. 20.
- MARTÍNEZ, Ignacio; SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Iglesia Atlántica. Iglesia Universal. Iglesia Romana. Escenario de la Modernidad Caótica en el siglo XIX. **Almanack**, n. 26, p. 2-8. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/alm/article/view/11589/8207>.
- MARTÍNEZ, Ignacio. Circulación de notícias e ideas ultramontanas em el Rio de la Plata tras la instalación de la primera nunciatura en la América ibérica (1830-1842). **História Crítica**, n. 52, pp. 73-97, 2014.
- MERCIER, Charles. Permanence d'un catholicisme intransigeant? **ETVDS. Révue de Culture Contemporaine**. Dans Études 2013/10, Tome 419, pp. 353-361. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-etudes-2013-10-page-353.htm>.
- MILBACH, Sylvain. Catholicisme intransigeant et catholicisme libéral au xix^e siècle. In: VINCENT Catherine; TALLON Alain. **Histoire du Christianisme en France**. Des Gaules à l'époque contemporaine. Paris: Armand Colin, (Collection U), 2014, pp. 341-360.
- MONTERO, P. Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil. **Etnográfica**, v. 13, n. 1, pp. 7-16, 2009.
- MONIZ, Jorge Botelho. **Secularização — Genealogias, modelos e debates**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2023.
- MOREL, Marco; BARROS, Mariana M. de. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 103.
- PIERUCCI, A., “Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 13, n. 37 São Paulo, Jun/1998.
- PIZZORUSSO, g.; SANFILIPPO, M., “Le Canada et le pontificat de Pie IX”. In: CODGNOLA, Luca; PIZZORUSSO, Giovanni; SANFILIPPO, Matteo. **Le Saint-Siège, le Québec et l'Amérique française**. Les archives vaticanes, pistes et défis. Roma: Edizioni Sette Città, 2011, pp. 73-100.
- POULAT, Émile. **Église contre bourgeoisie**. Introduction au devenir du catholicisme actuel. Tournai: Casterman, 1977.
- RAUTMANN, Robert. “**Não toquem na minha igreja!**”: um estudo de caso acerca da Revolução Tranquila no Québec. 2021. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.
- RÉMOND, René. **Réligion et Société em Europe**. La sécularisation au XIXe et XXe siècles (1789-2000). Paris : Édition du Seuil, 2001.
- RÉVEL, Jacques (org.). **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- RAMÓN SOLANS, Francisco Javier. **Más allá de los Andes: los orígenes ultramontanos de una Iglesia latino-americana (1851-1910)**. Bilbao, Universidad del País Vasco, 2020.
- SANFILIPPO, Matteo. “Le Canada et les représentants du Saint-Siège, 1608-1939”. In: CODGNOLA, Luca; PIZZORUSSO, Giovanni; SANFILIPPO, Matteo. **Le Saint-Siège, le Québec et l'Amérique française**. Les archives vaticanes, pistes et défis. Roma: Edizioni Sette Città, 2011, pp. 19-44.
- SANTIROCCHI, Ítalo. Domingos. Cartas Pastorais Constitucionais no contexto da Independência do Brasil: dioceses setentrionais (1822). **Revista Brasileira de História**, vol. 42, n. 91, pp. 77-100, 2022.
- SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. **Questão de Consciência**. Os ultramontanos no Brasil e o regalismo do Segundo Reinado (1830-1842). Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.
- SANTIROCCHI, Ítalo. Afastemos o Padre da Política! A despolitização do clero durante o Segundo Império, **MNEME — Revista de Humanidades**, v. 12, n. 29, pp. 187-207, 2011.
- SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização — Ultramontanismo — Reforma. **Temporalidades**, v. 2, n. 2, 2010.
- SAVARD, Pierre. Montalembert au Canada Français: Un Aspect des relations culturelles des deux mondes (1830-1930). In: **Canadian Literature**, n. 83, pp. 32-49, 1979. Disponível em: <https://canlit.ca/article/montalembert-au-canada-francais/>.
- SILVA, Ana Rosa Cloclet da; ROY-LYSENCOURT, Philippe; CALDEIRA, Rodrigo Coppe. **O Catolicismo no Mundo Contemporâneo: debatendo o intransigentismo**. Campinas: Saber Criativo, 2024.
- SILVA, Ana Rosa Cloclet da. Do regalismo pombalino ao regalismo imperial: herança e ruptura na formação do Estado nacional brasileiro. In: OLIVEIRA, L. E.; SANTOS, E. M.; ANTONIO MATTOS; E. M. M.; MARENGO, S. M. D. A. (orgs.). **Pombal e os Projetos de Brasil - reflexões em torno do Bicentenário da Independência**. Aracaju; Lisboa, Criação Editora; They, 2023a, pp. 27-48.
- SILVA, Ana Rosa Cloclet da. O binômio civilização-cristianismo para o caso brasileiro (1750-1891). In: AYALA, E. C.; ORTEGA, F. **El lenguaje de la secularización en América Latina: contribuciones para un léxico**. Guadalajara: Ediciones Universidad de Cantabria, pp. 45-62, 2023.
- SILVA, Ana Rosa Cloclet da; CID, Gabriel. As independências no Brasil e na América Hispânica. História, memória e historiografia 200 anos depois. **Revis-**

- ta Brasileira de História**, v. 42, n. 91, pp. 17-51, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472022v42n91-03>.
- SILVA, A. R. C. da. Secularización y laicidad en Brasil: debates actuales y perspectivas de investigación. **Debates de Redhisel**, v. 45, pp. 15-40, 2021.
- SILVA, Ana Rosa Cloclet da; COSTA, Estela Maria Frota da. A Igreja perante a modernidade: uma análise das encíclicas papais no século XIX. **Estudos de Religião**, v. 35, p. 331-358, 2021.
- SILVA, A. R. C. da; SANTIROCCHI, Í. D. O século da secularização e a contribuição brasileira para a universalização do catolicismo. **Rivista di Storia del Cristianesimo**, v. 17, n. 2, pp. 351-366, 2020.
- SILVA, Ana Rosa Cloclet da. Imprensa católica e identidade ultramontana no Brasil do século XIX: uma análise a partir do jornal O Apóstolo. **Horizonte**, v. 18, pp. 542-569, 2020.
- SILVA, A. R. C. da; MARTÍNEZ, I.; DI STEFANO, R.; MONREAL, S. Religión y Civilización en Argentina, Brasil y Uruguay (1750-1899). **Ariadna histórica**. Lenguajes, conceptos, metáforas, v. 9, pp. 17-52, 2020.
- SILVA, Ana Rosa Cloclet da; CARVALHO, Thais Rocha. A Cruzada ultramontana contra os erros da modernidade. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 35, p. 9-42, 2019.
- SYLVAIN, Philippe, “Quelques aspects de l’antagonisme libéral-ultramontain au Canada français”, in: Bernard, Jean-Paul. **Les idéologies québécoises au 19^e siècle**, pp. 127-149. Montréal: Les éditions du boréal express, 1973.
- SYLVAIN, Philippe. Quelques aspects de l’ultramontanisme canadien-français. **Revue d’histoire de l’Amérique française**, 25(2), 239-244, 1971. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/303067ar>.
- VOISINE, Nive; HAMELIN, Jean (dirs.). **Les ultramontains canadiens-français**. Études d’histoire religieuse présentées en hommage au professeur Philippe Sylvain. Montréal: Boréal Express, 1985.
- ZOLTVANY, Y.-F.. La représentation ultramontaine de la société à travers le *Courrier du Canada*. **Recherches sociographiques**, 10(2-3), pp. 426-430, 1969. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/055473ar>.